

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RICARDO AUGUSTO MARTINS

Análise da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular como Movimento
Socioterritorial: abordagem geográfica de um Movimento Social de educação

São Paulo

2023

RICARDO AUGUSTO MARTINS

Análise da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular como Movimento

Socioterritorial: abordagem geográfica de um Movimento Social de educação

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizete Giroto

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M379a

Martins, Ricardo Augusto

Análise da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular como Movimento Socioterritorial: abordagem geográfica de um Movimento Social de educação / Ricardo Augusto Martins; orientador Eduardo Donizete Giroto - São Paulo, 2023.
57 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Educação popular. 2. Rede Emancipa. 3. Território. 4. Movimento Social. 5. Movimento Socioterritorial. I. Giroto, Eduardo Donizete, orient. II. Título.

MARTINS, Ricardo A. **Análise da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular como Movimento Socioterritorial:** abordagem geográfica de um Movimento Social de educação. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dra. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente ao Departamento de Geografia da FFLCH pela oportunidade de chegar a esse momento. A todas as professoras e professores, especialmente ao meu orientador, o Prof. Dr. Eduardo Donizete Girotto, que teve tanta paciência e compreensão ao longo de todo processo. Agradeço muito às funcionárias e funcionários, principalmente operacionais, que tornam tudo isso possível, até porque, sendo funcionário da USP, sinto na pele todas as dificuldades econômicas, físicas e mentais de estar nessa posição nos últimos anos.

Agradeço ao pessoal da Rede Emancipa por terem me acolhido e pela convivência fácil, pelo compartilhamento de vontades em comum de mudanças. Em especial, agradeço as pessoas que cederam seu tempo em entrevistas, Roberta, Lilia, Alaide e Guilherme.

Aos amigos de São Bernardo do Campo, que compartilharam de um momento de crescimento, em especial, meu grande amigo Douglas, que me ajudou tanto a direcionar e organizar minha indignação, e ao meu professor Vagner, do ensino médio, que me mostrou o potencial crítico da Geografia como ciência e, por que não dizer, como ferramenta revolucionária.

À Cibeles, cuja importância e o lugar na minha vida e neste trabalho, eu não me atrevera a tentar descrever aqui.

Às minhas amigas e amigos da FMZ, que passaram a ser parceiras e parceiros de lutas e sonhos, enfim, de vida, Amanda, Felipe (Beira), Rafael Borguim, Alice, Maurício, Eudes, Bernardo e Camila, que, além de tudo, me ajudou muito a transformar um monte de textos em um trabalho apresentável.

À Marina, companheira incansável e sensível em ajudar, sofrer e sorrir, viver esse trabalho e a vida de modo intenso comigo.

À minha família, principalmente minha Mãe e meu pai, que tanto lutaram para que eu tivesse essa oportunidade, sem saber que teriam que se esforçarem ainda mais para compreenderem minhas escolhas e meu tempo. Em especial, meu irmão, Rafael, que me acolheu e acreditou em mim em um momento em que nem eu acreditava.

À Nina, que nem deve ter a dimensão de quanto e com quanta simplicidade me ajudou neste trabalho e na vida.

*“Não posso descansar em paz, enquanto não for
consenso no universo fantasmagórico, que os
famintos necessitam de comida na mesma medida
que precisam de educação de qualidade. A cesta
básica que vem desacompanhada do principal pilar
da inclusão social, não tem nada de igualdade e
respeito como é dito na propaganda. O cenário das
barrigas cheias e mentes vazias, não é sinônimo de
progresso e sim de eternização da submissão.”*

Carlos Eduardo Taddeo

RESUMO

MARTINS, Ricardo A. **Análise da Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular como Movimento Socioterritorial**: abordagem geográfica de um Movimento Social de educação. 2023. 55 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Este trabalho procura analisar a Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular a partir de uma abordagem da Geografia, como um Movimento Socioterritorial. Para isso, buscou-se levantar a bibliografia necessária para definir conceitualmente o que são Movimentos Sociais e o que são Movimentos Socioterritoriais; para recontar brevemente a história da educação e dos cursinhos populares no Brasil, situando a própria Rede Emancipa no contexto histórico; e para caracterizá-la do seu próprio ponto de vista e a partir dos estudos de outras pesquisas e dados coletados para apresentar sua história, suas concepções, seus objetivos e sua relação com o território. Para que fosse possível fazer a análise da forma mais verossímil possível, realizaram-se entrevistas com pessoas que fazem parte do Emancipa em diferentes funções e ocupações, em três Unidades da Rede na Zona Oeste da cidade de São Paulo e que puderam mostrar como as coisas, de fato, acontecem. Relacionando conceitos, teoria e prática fez-se possível a abordagem proposta e, portanto, a confirmação de que se pode analisar o Movimento Social em questão como um Movimento Socioterritorial. Além disso, mostrou-se que a análise proposta e elaborada não só é importante para a pesquisa do ponto de vista da Geografia, mas também pode ser importante para a própria Rede Emancipa e para outros Movimentos Sociais.

Palavras-chave: Educação popular. Rede Emancipa. Geografia. Território. Movimentos Sociais. Movimentos Socioterritoriais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

Foto 1. Foto em reportagem no G1 com integrantes e bandeira da Rede Emancipa em destaque durante ato contra o Presidente Jair Bolsonaro, em São Paulo, SP, 2021	26
Foto 2. Aula Inaugural da Rede Emancipa no vão do MASP na cidade de São Paulo em 2018	29
Foto 3. Emancipa Comunitário em doação de cestas básicas em dezembro de 2021	43
Foto 4. Aula de matemática na unidade do Rio Pequeno da Rede Emancipa em 2022	47

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Mapa com as faixas de renda domiciliar dos distritos do Município de São Paulo (IBGE, Censo Demográfico 2000) e a identificação dos distritos nos quais a Rede Emancipa viria a fundar Unidades (2022)	32
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. IVS e IDHM em 2010 dos distritos com Unidades da Rede Emancipa	33
Quadro 2. Proporção (%) de domicílios em favelas em relação ao total de domicílios, por distrito	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CURSINHOS POPULARES, MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS	12
2.1	Breve histórico dos cursinhos populares no Brasil	12
2.2	Movimentos Sociais e Movimentos Socioterritoriais	15
3	O EMANCIPA: HISTÓRIA, MUDANÇAS E EXPANSÃO; A QUE SE PROPÕE; DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	24
3.1	História da Rede Emancipa	24
3.2	Rede Emancipa e como se propõe a ser na prática: Projeto pedagógico e atividades	27
3.3	Distribuição espacial	29
4	A PRÁTICA DA REDE EMANCIPA, APURADA PELAS ENTREVISTAS, E ANÁLISE: MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTO SOCIOTERRITORIAL?	35
4.1	Sobre as entrevistas	35
4.2	Abordagem Geográfica: Rede Emancipa como Movimento Socioterritorial	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	57

1 INTRODUÇÃO

A Rede Emancipa Movimento Social de Educação Popular tem sua origem, em cidades periféricas da Região Metropolitana de São Paulo, como cursinhos populares, gratuitos, para ampliar a possibilidade de acesso à educação e à Universidade por pessoas que não tiveram condições de ter acesso à educação formal e nem a cursinhos particulares. Ao longo de seus quase 17 anos, além da Rede ter se expandido no Estado de São Paulo e no Brasil, também se expandiram suas ações, ambições e condições de realização. Tudo isso vai ser aprofundado ao longo deste trabalho, e essa antecipação foi apresentada para tentar justificar, inicialmente, porque este e outros trabalhos têm abordado o Emancipa. No caso deste trabalho, o projeto inicial era analisar a Rede Emancipa como potencial agente de trabalho de base nas periferias para conscientizar sobre e possibilitar o acesso à Universidade.

Antes de prosseguir sobre o trabalho, é importante ressaltar que o pesquisador tem uma trajetória marcada por participação em coletivos de esquerda, movimento sindical, e, após entrar na graduação na Universidade de São Paulo, também mais focada na educação. Assim, houve sempre simpatia e admiração em relação à atuação da Rede Emancipa, à qual conheceu no ano de 2014, embora, para a condução desta pesquisa, tenha-se buscado manter os critérios científicos, até como forma de respeito aos dados coletados e de busca pela análise mais qualificada possível.

Quando da elaboração do projeto, o pesquisador já acompanhava a Rede Emancipa, embora de forma mais distante, apenas por meio das conversas com algumas pessoas conhecidas que nela atuavam, participação em alguns debates e eventos abertos, redes sociais e materiais próprios da Rede. Conforme o aumento da miséria pelas consequências da pandemia de Covid-19 e do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (encerrado em 2022), a partir de 2021, começa a participar um pouco mais ativamente de algumas reuniões de organização e de algumas ações concretas, como doações de cestas básicas e rodas de conversa nas comunidades, especialmente na Zona Oeste de São Paulo.

Nesse contexto, no segundo semestre de 2022, este trabalho se desenvolve, já com uma outra perspectiva do pesquisador sobre a Rede Emancipa, a partir da participação, mesmo que não tão intensa. Trata-se da percepção no sentido de que a atuação da Rede ia além do que se supunha na elaboração do projeto. Ao mesmo tempo, as pesquisas feitas e as sugestões do orientador levaram à necessidade e à possibilidade da abordagem do Emancipa por categorias diferentes das mais comuns, ligadas às Ciências Sociais (principalmente a

Sociologia), que pudessem analisar de modo mais aprofundado a relação do Movimento Social (como a própria Rede se define, já no próprio nome) com os territórios.

Assim que, a partir desse conhecimento inicial sobre o modo como a Rede Emancipa se define, sua pretensão de expansão e de se constituir no máximo de territórios periféricos possível, este trabalho buscará abordá-la como um Movimento Socioterritorial, uma abordagem relativamente nova, da Geografia, elaborada originalmente em relação ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e que pode ampliar as possibilidades de entendimento e análise não só do Movimento em questão, mas de outros, talvez podendo até servir de ferramenta para os mesmos se desenvolverem e crescerem ainda mais.

Para isso, além das próprias percepções do pesquisador, que não entrarão de forma objetiva e concreta no trabalho, mas que acabam ajudando, mesmo que de forma subjetiva, como guia para coletar os dados necessários, será realizada a pesquisa bibliográfica e algumas entrevistas com participantes da Rede Emancipa, que serão melhor explicadas, mais detalhadas, em capítulo mais adiante, e que serão fundamentais para a análise entre o que acontece na prática, no dia a dia do Emancipa, a teoria sobre educação e cursos populares, a teoria sobre a própria Rede Emancipa, e as teorias sobre Movimentos Sociais e Socioterritoriais.

O capítulo que seguirá após essa introdução procurará apresentar brevemente a história da educação focada nos cursinhos populares no Brasil, contexto em que está o Emancipa, com atenção especial às ações do Estado, aos interesses das elites contra os das classes populares, e aos Movimentos Sociais, aos coletivos e instituições que possibilitaram a manutenção da luta pela educação ativa mesmo nos momentos mais difíceis. Também procuraremos estabelecer as referências teóricas, entre as quais, as principais Maria da Glória Ghonn e Bernardo Mançano Fernandes; e definir o que será entendido por Movimento Social e por Movimento Socioterritorial, para que seja possível fazer as análises em relação à Rede Emancipa.

Em seguida, o próximo capítulo será focado na Rede Emancipa. Será apresentada sua história, não só na luta pela educação, mas também as suas mudanças (na sua própria caracterização), sua expansão e sua participação em momentos importantes na própria história do país, desde a disputa e fechamento do Cursinho da Poli até os dias atuais. Também será abordada a forma como o Emancipa se caracteriza hoje, seu projeto político pedagógico e as atividades que fazem parte do dia a dia. Essas apresentações serão feitas com base em outras pesquisas que já foram feitas sobre a Rede e em materiais próprios elaborados pela mesma. Por último, com base também em dados obtidos em institutos de pesquisa, serão apresentados

um mapa e duas tabelas para que se possa analisar as localidades onde o Emancipa têm suas Unidades e alguns aspectos socioeconômicos desses locais. Por limitações deste trabalho, neste momento será feita essa apresentação apenas com as Unidades da Cidade de São Paulo, que, apesar de ser um recorte, deverá ser suficiente para demonstrar o comprometimento da Rede de estar nos, ou mais próxima possível, dos locais menos favorecidos, ou seja, das periferias.

No último capítulo será mais bem explicado sobre como foram feitas as entrevistas, sobre as limitações em relação a elas, sobre as pessoas que foram entrevistadas e sua representatividade, já que foram procuradas representantes de cada posição/função dentro da Rede. Será apresentado o roteiro que serviu de guia para as entrevistas para que fosse possível chegar nos temas importantes para essa pesquisa, sem explicitar exatamente o que se procurava, a fim de conseguir respostas genuínas e evitar respostas que pudessem “favorecer” os resultados da pesquisa.

Por último, no mesmo capítulo, com todo acúmulo das pesquisas teóricas sobre as histórias da educação e do Emancipa, sobre os conceitos de Movimentos Sociais e Movimentos Socioterritoriais e sobre a própria Rede Emancipa, somados às repostas principais das pessoas entrevistadas, finalmente será possível a análise das similaridades e o exercício da abordagem da Rede Emancipa como um Movimento Socioterritorial.

É importante ressaltar que, por conta das limitações deste trabalho, foi feito mais um recorte: as entrevistas foram feitas com pessoas das Unidades do Emancipa da Zona Oeste de São Paulo, portanto, também as análises foram feitas baseadas na busca pelas similaridades ou equivalências entre as características dos Movimentos Socioterritoriais e as características e práticas da Rede Emancipa nos distritos da região citada. Embora fosse ser melhor poder ter mais tempo e fazer uma pesquisa mais ampla, as 3 Unidades da Zona Oeste já podem prover uma pesquisa num sentido bem fiel sobre como interagem entre si e com as demais do Movimento, também como as pessoas atuam e como as atividades, ações e práticas ocorrem.

2 CURSINHOS POPULARES, MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS

Neste capítulo procuraremos apresentar as mudanças de contexto da educação no Brasil ao longo da história e um breve histórico dos cursinhos populares, com atenção especial à participação dos Movimentos Sociais de que falam pesquisadores que recontam essa história. Por muitas vezes, essas outras pesquisas não tiveram intenção ou necessidade de aprofundar um debate conceitual sobre o que é um Movimento Social e nem de diferenciá-lo de um Movimento Socioterritorial. Por isso e pela necessidade própria deste trabalho - compreender e situar a Rede Emancipa-, após o histórico dos cursinhos populares, procuraremos definir o que será entendido por Movimento Social e por Movimento Socioterritorial, o que dará a base para a análise que seguirá.

2.1 Breve histórico dos cursinhos populares no Brasil

A educação, assim como várias outras demandas coletivas que deveriam ser direitos da população (saúde, lazer, habitação, etc)¹ é tratada há muito tempo como um gasto ou peso pelo e para o Estado e como um produto a ser comercializado pelo capital e pelas elites. Essa dinâmica faz com que haja precarização da educação pública básica e muita desigualdade em relação ao acesso e a permanência estudantil, por um lado, e com que a elite continue com o controle sobre quem terá condições de acessar à Universidade e manter-se nela.

De acordo com os estudos sobre o direito à educação de Marília Pontes Sposito a partir da década de 1940 (SPOSITO, 1984) o Estado não é capaz de uma intervenção como entidade reguladora, baseada na racionalidade e fora da luta política e dos interesses de classe. Ainda, segundo a autora, a implantação e a gestão das políticas públicas aparecem como produto de um processo político amplamente determinado pelos conflitos entre as classes ou suas frações. Em outras palavras, ações sociais ou movimentos sociais foram agentes desses conflitos e foram muito importantes para pressionar os governos pelas políticas sociais, não só na área da educação.

¹ Para além da empatia que supostamente deveria haver entre as pessoas, a própria Constituição brasileira trás esses direitos em seu artigo 6º. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm. Acesso em 06/01/2023.

Entre as décadas de 1940 e 1950 as escolas primárias eram concentradas nos centros e, por vezes, particulares, e inexistentes ou precárias nas periferias; e as escolas de nível secundário tinham poucas vagas, apenas nas regiões centrais e o acesso era por meio de exames admissionais que reprovavam a maioria das pessoas das periferias. Nesse contexto, os movimentos populares, em especial as Sociedades de Amigos de Bairro, tiveram influência para que houvesse a expansão do ensino público, ainda que com ligações com lideranças populistas e de acordo com os interesses do Estado. Em seguida, o período da Ditadura Civil Militar reprimiu a participação dos movimentos da classe trabalhadora e dificultou a expansão não só da educação, mas também de vários serviços públicos e direitos básicos das populações periféricas. Apesar das dificuldades, outras formas de organização populares surgiram, ou assumiram o papel de, e procuraram promover ações educativas, dessa vez sem ligação com o Estado, que tinham ênfase nas demandas das periferias. Entre essas formas de organização estavam as Comunidades Eclesiais De Base², o Movimento Negro, os sindicatos e as associações de moradores de bairros, e todas foram muito importantes para manter viva a consciência sobre a necessidade da luta pelo direito à educação.

Dado esse panorama das condições da educação desde o período da república populista até o período de regime militar e a atuação dos movimentos populares buscando e defendendo seus direitos, os cursinhos populares, segundo Mariana Gonçalves de Oliveira (OLIVEIRA, 2022), têm sua origem na década de 1920, alguns anos após a adoção de exame admissional para o ensino superior (vestibular). Acontece que inicialmente as vagas para o ensino superior eram uma demanda das elites para poderem continuar ocupando as posições de classe dominante, e as primeiras experiências de cursinhos seriam melhor identificadas como “pré-vestibulares”, já que eram voltados para os candidatos da época ao ingresso na Escola Politécnica, e em seguida, surgiram cursinhos preparatórios para os vestibulares de medicina, direito e filosofia (WHITAKER, 2010).

Nas décadas seguintes a industrialização, a urbanização e o crescimento urbano fizeram com que as aspirações de participação econômica e política do empresariado e dos setores populares levassem ao esgotamento do pacto populista e do aparente bem estar social. Segundo Cloves Alexandre De Castro:

² Comunidades Eclesiais De Base são, de maneira simplificada, comunidades ou grupos ligados às igrejas, paróquias e capelas que, além das atividades religiosas, por vezes atuam como espaço de socialização, solidariedade e de busca por melhorias locais.

É nesse contexto que surgiu, por exemplo, o movimento pela escola pública, na década de 1950, que, *a priori*, lutava para a construção de prédios escolares para cumprir a imensa demanda que se estabelecia com o crescimento das cidades e a necessária instrução para o trabalho na sociedade urbano-industrial. Entretanto, em pouco tempo, a extensão da pauta foi crescendo com a dimensão que foi adquirindo a luta por educação pública de qualidade. Nesse sentido, no tocante à educação, a questão do acesso sempre esteve encabeçando as listas de reivindicações e mobilizações das classes populares. (CASTRO, 2011, p. 119)

Também no ano de 1950 foi fundado pelo Grêmio Estudantil da Escola Politécnica (POLI) da USP (e com apoio da direção desta Escola) o Cursinho da Poli, que tinha como objetivo possibilitar o ingresso na Universidade por pessoas economicamente carentes, e que assim continuou até 1982. (ALMEIDA, 2020; CASTRO, 2011). Tratava-se de um dos primeiros cursinhos populares gratuito e voltado para pessoas de baixa renda, porém, depois de ter sido refundado em 1987, começou a sofrer pressões, assim como outros cursinhos que haviam sido fundados na USP na década de 1990. Cabe observar que o movimento estudantil pressionava pela saída dos cursinhos pagos, mas a direção da POLI e a nova direção do Grêmio da Escola Politécnica aproveitaram para pressionar e mudar o caráter popular do Cursinho da Poli, que acabou por sair da USP em 1996. Posteriormente, o cursinho passou a ter muito mais alunos e cobrar mensalidade.

Entre os outros cursinhos populares fundados no mesmo período do da Poli, estavam o cursinho do Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (CAASO), da USP de São Carlos, o Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), posteriormente, o Pré-USP e o cursinho da Rua das Rosas (ambos fora da USP). As organizações desses cursinhos eram ligadas ao Movimento Estudantil e a militantes, grupos e partidos de esquerda, e foram duramente reprimidos pela ditadura, tendo inclusive lideranças sendo perseguidas e “sendo desaparecidas” pelos militares.

Durante esse período, como já foi mencionado, outras formas de organização mantiveram ações e movimentos populares ativos, destacando-se as Comunidades Eclesiais De Base, que mantiveram os debates entre os trabalhadores das periferias e foram importantes para rearticulação das lutas sociais; os sindicatos, ou o “novo sindicalismo”, que elaborava suas reivindicações e não aceitava mais a relação de dependência com os governos ou patrões; e o Movimento Negro, que debatia intensamente, entre outras questões, a ausência de pessoas negras nos cursos superiores. Um marco importante foi a criação do Núcleo da Consciência Negra da USP, em 1987, por iniciativa das três entidades representativas das categorias da Universidade:

as três entidades de representação da comunidade da USP foram ocupadas por diretores negros: Wilson Honório Silva, no Diretório Central dos Estudantes (DCE); Jupiara de Castro, no Sindicato dos Trabalhadores da USP (SINTUSP); e Henrique Cunha Jr., na Associação dos Docentes da USP (ADUSP) (CASTRO, 2011, p. 146)

O Núcleo da Consciência Negra da USP fundou em 1996 seu cursinho popular com objetivo de possibilitar o acesso à Universidade a pessoas oriundas das escolas públicas e afrodescendentes (ALMEIDA, 2020). Ainda dentro da perspectiva do Movimento Negro, em 1997 foi criada a Educafro (Educação para Afrodescendentes e Carentes); e em 2009, o Uneafro (União de Educação Popular para Negros/as e Classe Trabalhadora), dissidência do Educafro.

Assim, em 2007, também a partir de uma dissidência, foi criada a Rede Emancipa, quando um grupo de professores, alunos, ex-alunos e sindicalistas, que tentaram sem sucesso resgatar o caráter popular e gratuito do Cursinho da Poli, se uniram e criaram o primeiro cursinho da Rede, chamado Chico Mendes e situado em Itapevi. A história da Rede será retomada mais a frente neste trabalho.

2.2 Movimentos Sociais e Movimentos Socioterritoriais

A história da educação e dos cursinhos populares no Brasil está ligada a rupturas e continuidades, e entre os agentes constantes e mais importantes dessas histórias aparecem muitas vezes as ações coletivas ou movimentos populares, os Movimentos Sociais e suas relações com os territórios. Será fundamental, então, definir o entendimento adotado sobre esses termos (e alguns outros) para que o presente trabalho possa ter a base conceitual necessária para chegar às compreensões a que pretende buscar.

Antes de entrar no debate conceitual dos Movimentos Sociais e demais, e uma vez que já surgiu várias vezes a diferenciação entre regiões centrais e periferia, além de ser uma categoria fundamental para a Geografia e onde acontecem os conflitos, é necessário definir o entendimento de território, sobre o qual Milton Santos e Maria Laura Silveira, numa abordagem mais generalista, consideram que:

Num sentido mais restrito, o território é o nome político para o espaço de um país. Em outras palavras, a existência de um país supõe um território. Mas a existência de uma nação nem sempre é acompanhada da posse de um território e nem sempre supõe a existência de um Estado. Pode-se falar, portanto, de territorialidade sem

Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um Estado sem território (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Essa descrição simplificada ajuda a entender que há uma relação profunda entre poder institucional e espaço por meio do Estado, mas que, não necessariamente todo espaço está sob influência do poder estatal somente. No que se refere à luta pelo direito à educação e às demais lutas sociais a que esta abre as portas, a definição de território é mais bem delineada na definição de Cloves Alexandre de Castro: “espaço impregnado e mediado por relações de poder e que se produz e se consolida por meio de conflitos e contradições que caracterizam a sociedade de classes” (CASTRO, 2011). Essa definição representa melhor o espaço em que, ao mesmo tempo acontecem as contradições e os conflitos, e que é resultante das conjunturas dessas contradições e conflitos derivados. Ou seja, é a noção de território levando em conta as dinâmicas de disputa de poder que nele ocorrem e que o determinam.

Sobre os Movimentos Sociais, propriamente ditos, o referencial teórico será a pesquisadora Maria da Gloria Gohn, que em seu livro “Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos”, analisa os paradigmas e as teorias sobre os Movimentos Sociais no mundo ao longo da história e trás nas considerações finais que:

(...) seria um despropósito finalizá-lo com alguma síntese única ou com a proposta de um modelo de teoria geral e universal. Talvez a única conclusão geral a que chegamos é a de que não há uma teoria única, assim como não há uma só concepção para o que seja um movimento social (GOHN, 1997, p. 327)

Embora possa ser pouco usual iniciar trazendo as considerações finais de uma obra, aqui se faz importante para demarcar justamente que os conceitos de movimento social têm como características próprias a fluidez e as relações com outros processos sociais, bem como a consequente dificuldade para uma caracterização precisa. Segundo Gohn, há muitas ações coletivas que não são movimentos sociais (GOHN, 2008), quando essas ações são restritas ao individual ou local, não ao universal. Por exemplo, uma demanda por uma regra ou lei que não seja ampla, mas restrita ou localizada, poderá, ao ser atendida, gerar novos privilégios e desigualdades. Ainda, segundo a mesma autora (GOHN, 2000): “Um protesto (pacífico ou não), uma rebelião, uma invasão, uma luta armada, são modos de estruturação de ações coletivas; poderão ser estratégias de ação de um movimento social, mas sozinhos não são movimentos sociais”.

Essas observações são importantes porque demonstram que, embora seja difícil delimitar um único significado para o que são Movimentos Sociais, é possível delinear alguns

parâmetros para uma definição mais adequada do seu conceito. E também é possível, a partir delas, diferenciar ações objetivas, por exemplo: de acordo com as diferenças postas acima, pode-se verificar que demandas das elites podem ser ações coletivas, mas não movimentos sociais. As demandas das elites, em geral, são restritas a pequenos grupos ou locais e visam garantir ou manter privilégios e exclusividades. Além disso, normalmente essas pessoas ou grupos exclusivos têm a característica de operarem “de cima para baixo”, ou seja, atuando via seu poder de barganha junto ao Estado para impor a aplicação de políticas que as favoreçam. Um exemplo recente dos últimos anos foram as reformas trabalhista e da previdência, que tanto prejudicaram à classe trabalhadora e aos mais pobres, e que aconteceram com pressões de poucas pessoas já poderosas e abastadas economicamente para ampliar ainda mais seu poder de exploração e de acumulação.

Retomando, sobre o livro “Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos”, de 1997, Maria da Glória Gohn (GOHN, 1997) tem como objetivo reconstituir as teorias dos movimentos sociais, desde o surgimento do termo na sociologia acadêmica com o sociólogo alemão Lorens Von Stein, em 1840, analisando as principais correntes teóricas e apresentando três paradigmas, o norte-americano, o europeu e o latino-americano, e debatendo as convergências e divergências entre seus principais conceitos. Trata-se de um debate amplo e denso, que aqui não é viável nem necessário expor, sendo que o mais importante é ressaltar que, ao final do percurso, a autora faz uma síntese e formula a conceituação:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos

quais se observam os ciclos de protestos delineados. (GOHN, 1997, p. 251)

Mais à frente, em 2008, Gohn publica o livro “Novas teorias dos movimentos sociais” (GOHN, 2008), no qual mapeia as novas teorias surgidas desde a publicação do livro anterior. No livro, a autora diferencia ações sociais de movimentos sociais (como já mencionado anteriormente neste texto); faz um histórico das teorias das ações coletivas; apresenta as principais correntes teóricas dos movimentos sociais (histórico-estrutural, culturalista-identitária e a institucional/organizacional/comportamentalista); localiza as novas abordagens dos movimentos sociais na América Latina e no Brasil; analisa a obra do sociólogo francês Alain Touraine e suas contribuições sobre os movimentos sociais e conflitos urbanos; e aponta formatos organizativos dos movimentos sociais, destacando o movimento identitário das mulheres, dada a importância dos movimentos feministas. Novamente, destaca-se a conceituação sobre movimento social apresentada no livro:

Um movimento social é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. E tem os seguintes elementos: demandas que configuram sua identidade, adversários e aliados, bases, lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações, práticas comunicativas diversas que vão da oralidade aos modernos recursos tecnológicos, projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas, e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações. (GOHN, 2008, p.14)

Embora a própria autora, com todo acúmulo sobre o tema, continue ressaltando a dificuldade para estabelecer uma única definição ou um único conceito para o que é um movimento social, esse será o referencial, tanto por ter sido bastante apurado pela pesquisadora, quanto por contemplar a presente pesquisa. Isso porque contemplar significa dar conta da necessidade, não encerrar a questão, e a luta pela educação, aqui, traz as características citadas, ainda que não necessariamente tão precisamente conformadas. Como foi mostrado anteriormente, as lutas pela educação, em todos os níveis, sempre foram expressões de ações coletivas, sempre tiveram identidade das populações periféricas e excluídas, sempre tiveram adversários (as elites e até o Estado), tiveram aliados (as CEBs, sindicatos, Movimento Negro, etc, que eram aliados e, ao mesmo tempo, sujeitos), decorrem das lutas, têm suas identidades e culturas e uma visão de mundo diferente da que é imposta normalmente como regra ou condição na realidade posta.

Estabelecido o referencial teórico sobre Movimentos Sociais, é importante observar que tanto Maria da Gloria Gohn quanto boa parte dos autores e das teorias por ela estudadas

são das Ciências Sociais, mais especificamente da sociologia. Nesse sentido, observam Marcia Arteaga Pertuz e Bernardo Mançano Fernandes, em um artigo:

No início das pesquisas de mestrado e doutorado, o professor Bernardo publicou um artigo. A razão pela qual escrevera este artigo foi o fato de ouvir de alguns colegas geógrafos que o MST seria um objeto de estudo da sociologia e não da geografia. (ARTEAGA PERTUZ; FERNANDES, 2021, p. 14)

De fato, a sociologia, a ciência política e a história estudam os Movimentos Sociais há mais tempo, porém para o presente trabalho é necessário considerar a relação e inseparabilidade entre espaço e sujeito em suas interações e compreender o espaço como materialização da existência e como conjunto indissociável de sistemas de ações (LEFEBVRE; HARVEY, 1991; SANTOS, 1996). A partir dessa compreensão, que o espaço e o território são produtores e produto das relações sociais, e da necessidade de a geografia criar seus referenciais teóricos para estudar os movimentos sociais, é que os professores Bernardo Mançano Fernandes e Jean Yves Martin inauguraram o processo de construção conceitual de Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais (ARTEAGA PERTUZ; FERNANDES, 2021). Obviamente a motivação não é negar e nem mesmo superar os estudos da sociologia, mas sim ampliar as ferramentas e as possibilidades dos estudos dos movimentos, inclusive em constante diálogo com as outras disciplinas. Sobre isso:

Para evitar mal-entendidos com relação a nosso pensamento, enfatizamos que movimento social e movimento socioterritorial são um mesmo sujeito coletivo ou grupo social que se organiza para desenvolver uma determinada ação em defesa de seus interesses, em possíveis enfrentamentos e conflitos, com objetivo de transformação da realidade. Portanto, não existem “um e outro”. Existem movimentos sociais desde uma perspectiva sociológica e movimentos socioterritoriais ou movimentos socioespaciais desde uma perspectiva geográfica. (FERNANDES, 2005, p. 31)

Para estabelecer o entendimento deste trabalho sobre como se define um Movimento Socioterritorial será analisada a pesquisa do já mencionado professor Bernardo Mançano Fernandes, tanto por ter sido um dos primeiros a se dedicar aos estudos quanto por ter uma vasta produção até o presente. No livro “A formação do MST no Brasil”, do ano 2000, o autor diz:

Os movimentos socioterritoriais realizam a ocupação através do desenvolvimento dos processos de espacialização e territorialização da luta pela terra. Ao espacializarem o movimento, territorializam a luta e o movimento. Esses processos são interativos, de modo que espacialização cria a territorialização e é reproduzida por esta. (FERNANDES, 2000a)

Para chegar à formulação acima, o livro traz a história dos conflitos e lutas pela terra no Brasil desde a invasão da terra indígena na colonização, passando pela escravidão e chegando até a produção do território capitalista; conta e analisa a história e os processos de consolidação e institucionalização do MST baseado na sua Territorialização. Vai estabelecendo assim as características do que constitui um Movimento Socioterritorial, já que considera o MST o maior expoente deste tipo de movimento, ao mesmo tempo em que vai reforçando a identidade de Movimento Socioterritorial do Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

Antes de prosseguir, aqui são necessárias algumas considerações: Uma é que apesar da qualidade e da importância do livro e todo percurso traçado nele, seria um debate muito extenso para este trabalho tentar percorrê-lo, já que o foco aqui é tentar conceituar os Movimentos Socioterritoriais para aplicar o conceito à presente pesquisa. Outra consideração é que nos artigos que serão utilizados na sequência, muitas vezes o autor elabora ou explica conceitos e concepções a partir de sua pesquisa com o MST e suas práticas, então será feito um esforço de mostrar aqui essas elaborações e explicações a partir do entendimento do que disse o autor e a troca do que tem relação com o MST para termos gerais que possam ser aplicados a outros estudos. Ainda, mais uma consideração é que aparecerá e será necessário também explicar os Movimentos Socioespaciais, termo que o próprio autor contou que era o que usava até que a professora Maria Encarnação Beltrão Spósito lhe sugeriu o termo Movimento Socioterritorial em um debate na UNESP de Presidente Prudente (FERNANDES, 2000).

No artigo “Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais”(FERNANDES, 2005), de 2005, Bernardo Mançano Fernandes revisita vários conceitos para poder explicar os Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais e reforçar a importância de analisar os Movimentos Sociais a partir dessas abordagens geográficas. Uma interpretação sintética desse texto ajudará a chegar às definições necessárias.

A começar pelo essencial para a Geografia, o espaço deve ser considerado em sua multidimensionalidade, sendo o espaço social aquele da materialização da vida humana e o espaço geográfico o criado pela natureza e transformado pelas relações sociais. O território é um espaço geográfico configurado pelas relações de poder e controle social que lhe são inerentes. Assim, de maneira simplificada, pode-se inferir que os espaços são transformados em territórios e vice-versa por meio das relações sociais. A materialização dessas relações

sociais, que produz espaços e territórios, o faz com movimentos desiguais, contraditórios e conflitivos chamados de processos geográficos.

A territorialização representa a expansão ou criação de territórios, enquanto a territorialidade é a manifestação dos usos dos territórios pelas relações sociais que os mantêm ou controlam. A espacialização é o movimento concreto das ações e sua reprodução no espaço geográfico e no território, e a espacialidade carrega o significado da ação e não se concretiza. Na prática, a espacialização é a participação efetiva, as ações concretas de trabalhadores/militantes que já viveram a experiência da luta em questão em outros lugares e especializam, aplicam, essas experiências para reproduzi-las, territorializando a luta e o movimento no sentido de obter as conquistas em novas frações do território. A territorialização, por sua vez, é a mudança prática nas relações de poder, organização ou controle a partir das conquistas do Movimento Social (Socioespacial e/ou Socioterritorial).

Feita essa breve apresentação dos conceitos que servem de base para o entendimento, já é possível elencar algumas das exposições anteriores e inferir que os Movimentos Socioespaciais e os Movimentos Socioterritoriais são abordagens ou perspectivas geográficas dos Movimentos Sociais elaboradas a partir de dois processos geográficos: a espacialização e a territorialização. Isso para compreender, além das formas de organização (objeto da abordagem da sociologia), também os processos que desenvolvem, espaços que constroem e territórios que dominam.

Assim como os conceitos espaço e território e os conceitos espacialização e territorialização estão muito ligados entre si, porque um deriva do outro que volta a produzir ou reproduzir o um, Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais também estão ligados e ficaria muito vago apenas dizer que um é relativo ao espaço e o outro ao território. Por isso, vamos partir da afirmação:

(...) é fundamental compreender os espaços e territórios produzidos ou construídos pelos movimentos. Esses espaços são materializações, se concretizam na realidade, em lugares diversos, espaços múltiplos, e é possível mapeá-los de diferentes modos, contribuindo com leituras geográficas. Neste sentido, todos os movimentos são socioespaciais, inclusive os socioterritoriais, pois o território é construído a partir do espaço. (FERNANDES, 2005, p. 30)

Basicamente, Movimentos Socioespaciais que não são Socioterritoriais agem a partir da sua espacialização, suas ações concretas, mas não existem a partir de um território e nem direcionam sua espacialização para territorializar nenhum espaço. Ou seja, não são sujeitos

reivindicando território, ainda que possam estar apoiando ou defendendo algum sujeito que esteja. Por exemplo, as ONGs.

Já os Movimentos Socioterritoriais buscam se especializarem para se territorializarem e se expandirem no sentido de obterem conquistas (alterarem as relações sociais de poder, uso ou manutenção) em novas frações de territórios. Até por isso o MST é considerado um exemplo tão bom, as experiências de organização, formas de luta, manutenção, etc, são especializadas modificando as relações, ou seja, territorializando, e ao mesmo tempo, a territorialização possibilita espacializações em novos lugares.

Enfim, como é pouquíssimo palpável uma formulação única e definitiva sobre o que é o Movimento Socioterritorial, aqui será aproveitada a discussão feita até agora e os critérios disponíveis nos artigos citados para que possam ser enumeradas algumas características que são condições básicas para um movimento poder ser considerado Socioterritorial:

- Deve ter no território a motivação ou a finalidade de existir. Objetivar a conquista de novos territórios ou lutar por mudanças nas relações de poder, dimensões, recursos ou estruturas do espaço geográfico;
- Ter entre os resultados da espacialização o trabalho de base, acontecendo por meio da construção da socialização política, ou seja, do processo de transmissão de valores, condutas e preferências sobre política;
- Buscar expansão por meio da espacialização e da territorialização, diferenciando-se dos movimentos isolados e que só tem reivindicações individualizadas;
- Ter organicidade, ou seja, as pessoas estarem identificadas com o Movimento. A vinculação expressa identidade, e, quanto maior a vinculação, mais orgânico é o movimento.

Ainda que seja complicado lidar com debates teóricos densos pelos riscos de, por um lado se distanciar do tema principal do trabalho ao se aprofundar demais; e, por outro de fazer o debate raso por se aprofundar pouco, o capítulo buscou abordar o debate conceitual necessário. Foi demonstrada a relação entre os movimentos sociais (ainda que muitas vezes citados em abstrato) e as lutas pela educação, depois analisada e apresentada uma ideia concreta sobre os Movimentos Sociais baseada em teorias e pesquisas, e por último, foram

discutidos os Movimentos Socioterritoriais em vários aspectos que servirão de base para as análises que seguirão na tentativa de responder à questão principal sobre a Rede Emancipa e sua atuação.

3 O EMANCIPA: HISTÓRIA, MUDANÇAS E EXPANSÃO; A QUE SE PROPÕE; DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Conforme descrito anteriormente, a história da educação é também uma história de lutas, com os cursinhos populares sendo importantes atores com suas diferentes características a cada momento. Para o presente trabalho, é importante focar na história da Rede Emancipa, como e porque surgiu, como se expandiu, como foi mudando seu caráter.

Além de objeto da presente pesquisa, é expoente da luta citada, então, além da história, será apresentado neste capítulo como a própria Rede Emancipa se define, quais são suas atividades, seu projeto pedagógico.

Por último, será apresentada e discutida a questão da localização das Unidades da Rede Emancipa nas cidades, bem como seus aspectos sociais e econômicos. Claro que um trabalho de maior flego poderia fazer essa análise com todas as unidades do Estado de São Paulo ou mesmo do Brasil, porém, pelas limitações próprias deste tipo de trabalho, a análise será feita apenas na região metropolitana de São Paulo. Isso já ajudará a chegar mais próximo da compreensão da relação do Emancipa com o espaço, o que será fundamental para o que seguirá no próximo capítulo.

3.1 História da Rede Emancipa

Como apresentado brevemente anteriormente, no século XIX, o diploma de ensino Superior estava destinado à elite latifundiária. Com a industrialização e urbanização a partir da década de 1950, até a década de 1960 aumenta a demanda das classes medias, gerando a chamada “crise dos excedentes” (BONALDI; PAULO, 2015). Surgem os cursinhos pré-vestibulares, porém com um caráter privado e como garantia da manutenção dos espaços de poder pelas elites. A partir da década de 1990, fica claro o aumento da demanda pelo ensino médio, porém as poucas vagas de ensino superior se concentram para o setor privado. Neste contexto, o movimento negro e as comunidades eclesiais disseminam os “cursinhos populares”.

Desde 1950 havia o mencionado “Cursinho da Poli”, que funcionou até 1982 (CASTRO, 2011, p. 121) e foi refundado em 1987. Porém, de acordo com (ALMEIDA, 2020)

e (OLIVEIRA, 2022) nos anos que se seguiram, entre 1990 e os anos 2000, houve mudanças na direção da Escola Politécnica e na direção do Grêmio Estudantil, o que levou a mudanças no caráter do cursinho, que saiu do campus Butantan da USP em 1996 e começou a cobrar mensalidade em 1999. Ou seja, aconteceu a mudança do cursinho popular gratuito para o cursinho popular comercial.

A partir daqui, já é possível falar sobre a origem da Rede Emancipa e a principal fonte para contar sua história será a Revista que a própria Rede lançou em 2017 em virtude de seus 10 anos de existência: “REVISTA EMANCIPA 10 ANOS: Educando para a liberdade” (REDE EMANCIPA, 2017).

Os próprios fundadores da Rede contam na revista que, por causa da mudança do caráter do Cursinho da POLI nos 2000, foi se formando, entre 2004 e 2005, um movimento pelo resgate e manutenção do caráter social e popular deste, chegando a uma tentativa de refundação do mesmo. Essa iniciativa não deu certo, e então o movimento, que era formado por ex-alunas(os) e ex-professoras(es) do cursinho da Poli e de escolas públicas, artistas, universitárias(os) sindicalistas e o então vereador Carlos Gianazzi, idealizou a criação da Rede Emancipa como um projeto pré-universitário para além do pré-vestibular, integrado com a luta pela democratização do ensino superior, da educação em todos os níveis e com as demais lutas sociais. Cabe ressaltar que boa parte das pessoas que fundaram e que foram se somando têm ligação com o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade).

De início, a ideia era se juntarem e criar uma rede com cursinhos populares já existentes, o que não foi possível porque estes já tinham suas experiências num sentido diferente do que os fundadores do Emancipa buscavam. Reproduziam o individualismo e a finalidade única de passar no vestibular dos cursinhos comerciais, não queriam lidar com um movimento mais amplo que questionasse as contradições em torno da educação. Então, a forma possível para realizar a própria experiência foi a criação em 2007 de um cursinho próprio, o Chico Mendes, em Itapevi, na periferia da região metropolitana de São Paulo.

Desde o começo, o projeto se comprometeu a manter a criticidade do ensino e nas discussões e atividades, e a manter a organização e a gestão democráticas, com participação de estudantes, da coordenação e dos professores em todas as decisões. Também nunca abriu mão da gratuidade e da construção coletiva para além da individual. Isso tudo foi progressivamente possibilitado pelo trabalho militante e voluntário das pessoas que já faziam parte da Rede e também de muitos jovens da periferia que entraram em Universidades, mas seguiram construindo e participando. Com as aprovações nos vestibulares aumentando, aumentou o número de militantes que retornavam e se ampliaram as condições para a criação de novas

Unidades, e de estabelecimento de pontes com outros movimentos sociais, então, em 2012, o subtítulo do nome Rede Emancipa passou a ser Movimento Social de Educação Popular, em lugar de Movimento Social de Cursinhos Populares.

Enquanto se expandia em número de Unidades pelo Brasil, o Emancipa participava de importantes lutas, como as mobilizações pelo direito à meia entrada e à meia passagem nos transportes também para alunos de cursinhos, em 2012; as jornadas de junho de 2013, quando a luta contra o aumento no valor das passagens tomou grande proporção em várias capitais do Brasil; e as ocupações das escolas de 2015 e 2016, quando um plano de fechamento de escolas públicas foi anunciado por governos de São Paulo, inicialmente, e depois outros. Nesse momento, professores e alunos da Rede ocuparam suas próprias escolas e participaram bastante ativamente até o movimento conseguir pressionar e barrar os planos de fecharem as escolas.

Hoje o Emancipa conta com em torno de 56 cursinhos espalhados por BA, CE, DF, MG, PR, RJ, RN e SP, sendo que neste último há 30 unidades, 10 na capital (REDE EMANCIPA, 2022) e têm participado e levado suas bandeiras e materiais não só em todos os atos maiores de pautas populares e progressistas, como também em ações nas regiões em que se localiza cada Unidade.

Foto 1: Foto em reportagem no G1 com integrantes e bandeira da Rede Emancipa em destaque durante ato contra o Presidente Jair Bolsonaro, em São Paulo, SP, 2021



Fonte: Globo.com³

³ Disponível em: <http://bit.ly/3x1xIeA> Acesso em 05/01/2023

3.2 Rede Emancipa e como se propõe a ser na prática: Projeto pedagógico e atividades

Para poder lutar para promover o acesso de jovens de baixa renda e da periferia à Universidade e não abrir mão das lutas coletivas, mantendo-se como Movimento Social de Educação Popular e buscando estar sempre presente nas lutas com suas pautas, estabelecendo ligações e atuando localmente e em ações mais amplas, o Emancipa tem seu projeto pedagógico e algumas práticas e atividades que são repetidas em várias Unidades e Regiões.

O projeto pedagógico tem como principal desafio ser oposto ao que Maíra Tavares Mendes e Marcela de Andrade Rufato (MAÍRA TAVARES MENDES; MARCELA DE ANDRADE RUFATO, 2015) chamam de “projeto hegemônico”, que é aquele apoiado por diversos setores da sociedade convencidos pelos grupos dominantes e que profere que quem se esforça mais e procura melhores condições de estudo é quem adquirir capacidade e mérito, individualmente, para entrar e se manter na Universidade. Esse conjunto de pensamentos, ao mesmo tempo que justifica a falta de vagas para todas as pessoas, também ignora a diferença social como um fator determinante e procura ofuscar o debate coletivo, tornando tudo questões individuais.

Justamente pela necessidade da própria discussão sobre a educação e o direito à educação, pela necessidade de priorizar o tempo de convívio e o debate coletivo, o projeto é político pedagógico, não apenas pedagógico. Conforme as conjunturas são diferentes nas diferentes Unidades e no tempo, esse projeto é fluido, então aqui será apresentada uma síntese de Marina Gonçalves de Oliveira (OLIVEIRA, 2022). Segundo a autora, os princípios norteadores são:

1. Curso pré-universitário comprometido com a transformação social e o pensamento crítico, voltado para os alunos formados no ensino público e privado desde que tenham sido bolsistas 100% (fundamental e médio) e alunos que estejam cursando o último ano. 2. Gestão democrática e participação nas decisões dos alunos, professores e construtores do cursinho popular. 3. Defesa do ensino público em todos os níveis, lutar pelo livre acesso a educação. 4. Promover o desenvolvimento cultural, moral e técnico-científico de forma a fomentar o diálogo entre universidade e sociedade. 5. Inclusão Social. 6. Trabalhar e promover o acesso ao conhecimento e a cultura. 7. Defender e promover os direitos humanos e a democracia em todos os níveis. 8. O Cursinho Popular é independente e autônomo a todos partidos. (OLIVEIRA, 2022, p.23)

Em acordo e dando consequência às concepções da Rede Emancipa e seu projeto político pedagógico, acontecem em várias regiões algumas atividades periódicas e nas

Unidades ocorrem algumas práticas em comum. Para citar as mais importantes, entre as atividades destacam-se:

- Aulas Inaugurais dos cursinhos (Foto 2): Normalmente acontecem em espaços públicos com a presença de coordenadoras e coordenadores, professoras e professores, estudantes, etc, de uma ou mais Unidades de uma região. Nessas aulas, são passadas as principais informações sobre os cursinhos, seus objetivos, sua perspectiva de luta pela educação e outras lutas. Elas servem para informar, mas também para motivar quem está entrando na Rede;
- Dia na Universidade: Estudantes dos cursinhos passam um dia nas Universidades públicas das suas regiões, conhecem o espaço físico, vários aspectos sobre a Universidade e também debatem muito as questões do acesso, da permanência, inclusão;
- Aulas públicas: Professoras e professores do Emancipa ou convidados falam sobre temas que emergem em algum momento com grande destaque. Exemplos recentes de temas que tiveram aulas públicas foram o racismo (com tantos casos de violência policial ou manifestações racistas de civis nos últimos tempos), a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, e a própria democracia, tão ameaçada nos últimos tempos no Brasil.

Entre as práticas de dia a dia dos cursinhos, destacam-se:

- A experiência dos Círculos, baseada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire. Nesses espaços, professores, coordenadores e alunos propõem, temas e debatem horizontalmente. Esses temas podem ter a ver com o próprio cursinho, sobre conjuntura nacional e internacional e sobre a própria comunidade em que está o cursinho.
- A experiência do tempo livre. Talvez a maior expressão da diferença entre a concepção de educação e o projeto político pedagógico do Emancipa em relação ao citado projeto hegemônico. Enquanto este visa usar de forma mecânica e pragmática

o tempo para o acúmulo de um conjunto de informações para o sucesso em uma prova (vestibular), o Emancipa, ao contrário, inspirado pelas práticas educativas do MST baseadas no tempo de não-trabalho, reserva pelo menos uma hora por semana para que os alunos façam o que quiserem. Os cursinhos podem ou não oferecer alguma atividade, porém sem participação obrigatória, e os alunos podem propor ou organizar o que quiserem. Desse tempo livre já surgiram atividades culturais, organizações de grêmios estudantis, e o mais importante, descanso e socialização.

Foto 2: Aula Inaugural da Rede Emancipa no vão do MASP na cidade de São Paulo em 2018



Fonte: Arquivo da Rede Emancipa (2018)

3.3 Distribuição espacial

Tudo que foi exposto até aqui sobre a motivação da fundação, a história, as perspectivas e o modo como a própria Rede Emancipa se caracteriza e se pretende já seria suficiente para supor que o movimento precisa estar próximo das áreas menos favorecidas. O início como cursinho popular gratuito e que luta pelo direito ao ensino superior, a mudança para o caráter de movimento social com ação para além do vestibular, o projeto pedagógico

comprometido com a transformação social, com a busca pela promoção do diálogo entre Universidade e sociedade, o anseio por participar de outras lutas sociais em várias escalas, enfim, tudo isso indica a importância de se refletir não só sobre o que é, o que faz e como faz, mas também sobre onde faz. Enfim, em quais locais e por quais motivos nesses locais se busca instalar e consolidar as Unidades dos cursinhos e demais atividades da Rede Emancipa.

Para este trabalho, além do fator óbvio de ser da Geografia, a distribuição espacial também é fundamental, já que as questões que o motivam estão diretamente relacionadas à identificação da espacialização e da territorialização e a possibilidade da análise geográfica do movimento social e a caracterização da Rede Emancipa a partir dessa análise.

Com o cuidado de não extrapolar as possibilidades deste trabalho, que não teria condições de analisar as Unidades do Brasil todo, aqui será apresentado o recorte das localizações na cidade de São Paulo, que servirá como base para verificar os aspectos sociais e econômicos dos locais onde atuam os cursinhos. Primeiramente, apresenta-se a lista de Unidades que a própria Rede Emancipa disponibiliza em seu site de inscrições (Rede Emancipa, 2022) com os respectivos distritos em que se localizam no Município:

-Cursinho Salvador Allende - ZN

E.M.E.F.M. Professor Derville Allegretti (Rua Voluntários da Pátria, 777)

Distrito: Santana

-Cursinho Angela Davis - ZL

E.E. Prof. Dr. Geraldo de Campos Moreira (Rua Mutuípe, 10 – Parque Cisper)

Distrito: Cangaíba

-Cursinho Vladimir Herzog - ZS

Escola Estadual Professor Carlos Ayres (Av. Dona Belmira Marin, 595 - Grajaú, São Paulo - SP, 04846-010)

Distrito: Grajaú

-Cursinho Céu Navegantes - ZS

(R. Maria Moassab Barbour, S/N - Cantinho do Céu)

Distrito: Grajaú

-Cursinho Leolinda - Lauzane Paulista - ZN

Primeiro trimestre ONLINE, via classroom e Google Meets.

Distrito: Mandaqui

-Cursinho Queixadas - ZNO

CEU EMEF Perus (Rua Bernardo José de Lorena, S/N. Vila Fanton - Perus)

Distrito: Perus

-Emancipa Jardim Jaqueline - ZO

EMEF Vianna Moog (Rua Francisco Leite Esquerdo, 310 - Jardim Jaqueline, São Paulo)

Distrito: Vila Sônia

-Emancipa Monte Kemel - ZO

Espaço Cultural Monte Kemel (Rua Dias Vieira, 800)

Distrito: Vila Sônia

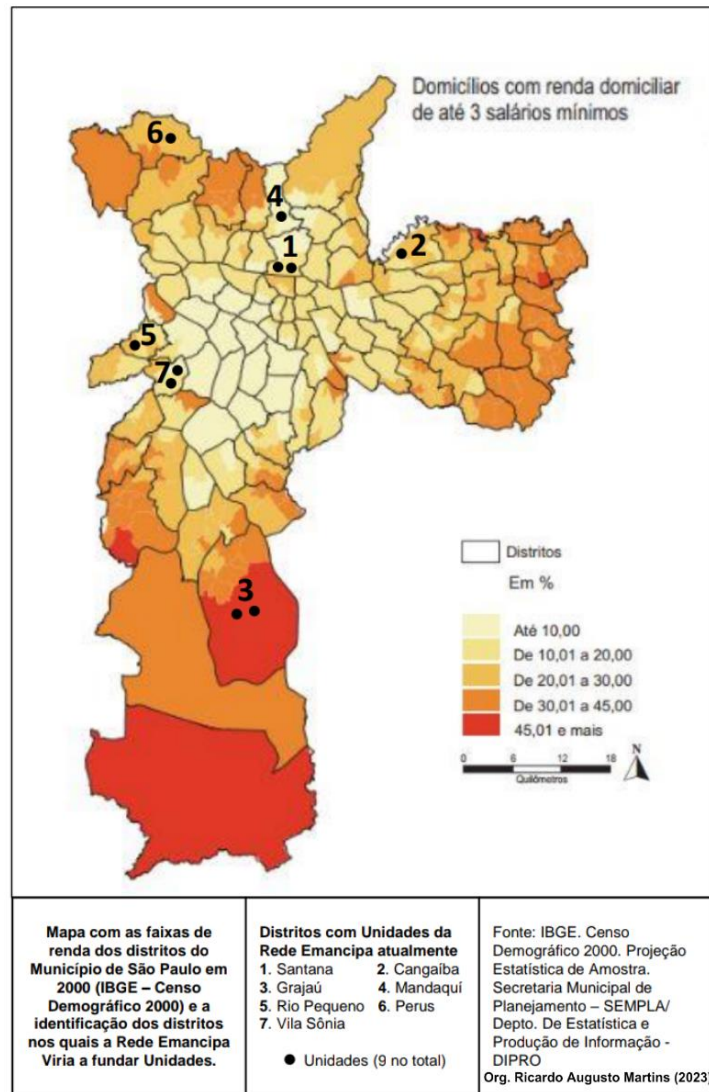
-Cursinho Popular do Rio Pequeno - ZO

(Avenida do Rio Pequeno, 1159)

Distrito: Rio Pequeno

O Mapa 1 marca a distribuição por distritos das nove (9) Unidades listadas acima na Cidade de São Paulo, e traz também as faixas de renda domiciliar nos distritos com base no Censo do IBGE do ano 2000.

Mapa 1: Mapa com as faixas de renda domiciliar dos distritos do Município de São Paulo (IBGE, Censo Demográfico 2000) e a identificação dos distritos nos quais a Rede Emanciparia a fundar Unidades (2022)



Esse mapa traz um aspecto da desigualdade em São Paulo e também dá um indício da intenção da Rede Emanciparia em seu anseio de chegar mais perto das regiões mais periféricas.

A fundação da Rede Emanciparia ocorreu no ano de 2007, e as primeiras experiências na capital foram em 2008, no Tatuapé e no Butantã (Rede Emanciparia, 2017, p.14), sempre em função, também, do que era possível. Mas vale prestar atenção sobre a perspectiva de estar cada vez mais próximo ou dentro das periferias, de acordo com o que já foi apresentado no presente trabalho, já que os dados mais recentes do censo até aquele momento eram dos anos 2000, e a visualização das marcações das unidades nos distritos nos dias atuais mostra que, de fato, o Emanciparia não conseguiu manter as unidades do Tatuapé e do Butantã, mas conseguiu

se estabelecer nos locais mais distantes das regiões centrais e com aspectos sociais e econômicos menos favorecidos desde a época anterior a sua própria fundação (neste caso, demonstrado pelas rendas domiciliares mais baixas).

Em seguida, o quadro 1, baseado em dados do Atlas da Vulnerabilidade Social⁴, serão apresentados o IVS (Índice de Vulnerabilidade Social) e o IDHM com base no Censo do IBGE de 2010.

Quadro 1 – IVS e IDHM em 2010 dos distritos com Unidades da Rede Emancipa

IVS e IDHM dos distritos do Município de São Paulo		
Distrito	Maiores IVS por distrito	Menor IDHM por distrito
Cangaíba	0.313	0.765
Grajaú	0.461	0.638
Mandaqui	0.339	0.715
Perus	0.384	0.665
Rio Pequeno	0.376	0.674
Santana	0.388	0.654
Vila Sônia	0.291	0.812
Média do Município de São Paulo	0.291	0.805
Fonte: Atlas da Vulnerabilidade Social (Censo IBGE 2010) Org. Ricardo Augusto Martins (2023)		

Deste quadro, com dados de 2010, é possível perceber facilmente que os maiores índices de vulnerabilidade social dos distritos em que há Unidades da Rede Emancipa é igual ou maior do que a média da cidade. Ao mesmo tempo, só a Vila Sônia tem IDHM maior que a média de São Paulo.

Embora seja importante ponderar que na cidade de São Paulo há desigualdade dentro de um mesmo bairro, de um mesmo distrito, etc, e por isso seria interessante uma pesquisa que conseguisse abranger, confrontar e refletir uma maior gama de dados, já é possível vislumbrar as intenções de espacialização e territorialização da Rede Emancipa.

Por último, no quadro 2, um dado mais recente sobre as condições de habitação nos distritos em questão: Proporção (%) de domicílios em favelas em relação ao total de domicílios, por distrito.

⁴ No Atlas da Vulnerabilidade Social, além do acesso aos dados, estão explicados os indicadores e as dimensões utilizadas para obtê-los. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/>. Acesso em 05/01/2023.

Quadro 2 – Proporção (%) de domicílios em favelas em relação ao total de domicílios, por distrito (2020)

Proporção (%) de domicílios em favelas em relação ao total de domicílios, por distrito	
DISTRITO	domicílios em favela (%) - Ano base 2020
Cangaíba	10,77
Grajaú	13,52
Mandaqui	3,05
Perus	10,46
Rio Pequeno	20,44
Santana	0,23
Vila Sônia	22,74
Média do município de São Paulo	9,5

Fonte: Observasampa⁵ e Mapa da Desigualdade⁶ (2021) Org. Ricardo Augusto Martins (2023)

Esse quadro mostra, exceto para os distritos de Santana e Mandaqui, que os demais distritos, no ano base 2020, têm mais domicílios em favelas do que a média da cidade de São Paulo. Fazendo novamente a ressalva de que a desigualdade em São Paulo é bastante fluida.

Embora seja difícil encontrar os dados uniformes e atuais, a ideia não era comparar a evolução de um determinado indicador, mas sim encontrar dados confiáveis, mesmo que com indicadores diferentes, que retratassem, em diferentes momentos, aspectos sociais e econômicos dos locais onde o Emancipa conseguiu abrir unidades. Aqui foi possível uma demonstração visual e uma breve análise dos dados, ambas com limitações, mas que demonstram uma iniciativa da Rede Emancipa de estar próxima dos locais a que se propunha desde a sua concepção.

⁵ <https://observasampa.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em 05/01/2023.

⁶ https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Tabelas.pdf. Acesso em 07/01/2023.

4 A PRÁTICA DA REDE EMANCIPA, APURADA PELAS ENTREVISTAS, E ANÁLISE: MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTO SOCIOTERRITORIAL?

Até aqui traçamos a história das lutas pela educação (brevemente) e da Rede Emancipa, que dela faz parte; buscamos apresentar e entender os conceitos, principalmente relativos aos movimentos sociais, socioespaciais e socioterritoriais; exploramos as características da Rede, como se define, como se organiza, quais são as atividades e projetos, como se distribui nos territórios, etc. Agora já temos uma boa base de elementos para buscar a resposta da principal questão deste trabalho: o Emancipa pode ser entendido e analisado como movimento socioterritorial?

Embora esses elementos citados acima já sugiram similaridades com as características dos Movimentos Socioterritoriais, era preciso uma aproximação com o que é feito concretamente no dia a dia do Emancipa, saber se realmente funciona, e como, tudo que está nas referências pesquisadas. Para isso, a melhor forma encontrada foi entrevistar algumas pessoas que participam em diferentes funções, de diferentes formas do Emancipa. Então, será mais bem explicado sobre as entrevistas mais adiante.

Em seguida, uma vez tendo explicado sobre as entrevistas, e por meio das respostas nelas obtidas, vamos chegar ao ponto central do trabalho, que é entender se o Emancipa consegue realmente fazer e como faz aquilo a que se propõe, e, a partir daí, poderemos finalmente nos aproximar de considerações mais precisas sobre se a Rede Emancipa é ou pode ser entendida e analisada como um Movimento Socioterritorial.

4.1 Sobre as entrevistas

Primeiramente, pela própria limitação de tempo e pela característica deste trabalho, será feito mais um recorte e faremos a análise a partir das Unidades da Rede Emancipa que atuam na Zona Oeste da cidade de São Paulo: Emancipa Jardim Jaqueline, Emancipa Monte Kemel e Cursinho Popular do Rio Pequeno. Claro que seria melhor se fosse possível entrevistar pessoas e envolver mais, até todas as unidades, mas essas 3 já vão dar uma boa noção sobre como as coisas funcionam e fornecer elementos para as análises. O fato de serem 3 também aumenta a precisão das informações, porque, se fosse em uma só unidade, haveria mais risco daquela única unidade ter características muito particulares, o que provavelmente

faria com que este trabalho ficasse com uma visão equivocada e que acabaria resultando numa análise muito imprecisa. Também é importante serem 3 porque um dos aspectos que precisa ser analisado é se há interação entre as pessoas das Unidades.

Foram entrevistadas 4 pessoas, e, claro que seria interessantíssimo entrevistar muito mais, mas, também por limitações de tempo e do fôlego deste trabalho, não foi viável fazê-lo. Então, foram entrevistadas a fundadora/ coordenadora da Unidade Monte Kemel, Roberta Sato; o professor de história da Unidade do Jardim Jaqueline e coordenador regional da Zona Oeste, Guilherme Fregonese; a liderança social das Comunidades Bode Zé e Mil e Dez, e participante da coordenação, Lilia Cristina; e a aluna da Unidade do Jardim Jaqueline e participante da coordenação, Alaide Jesus. Assim, fica bem representativo, apesar da pouca quantidade de pessoas.

Para as entrevistas foi elaborado um roteiro, não para ser seguido com rigor, mas para, sem induzir respostas das pessoas entrevistadas, garantir que o que fosse respondido seria no sentido de relacionar o que foi apresentado sobre Movimentos Socioterritoriais ao que foi apresentado sobre a Rede Emancipa. Também para evitar de desviar muito dos temas ou deixar passar ou esquecer algum assunto importante.

Roteiro de entrevistas:

- Nome e idade,
- Onde mora, há quanto tempo
- Qual a sua formação?
- Qual a sua ocupação?

- Como conheceu a Rede Emancipa?
- Como se integrou, como iniciou a participação e por quê? (O que motivou a participar)
- Em qual/quais unidades e como atua ou participa da rede hoje?
- Você participou ou sabe como foi a fundação, o começo da Unidade em que participa?
- Houve integração, troca de experiências, ajuda de pessoas de outras Unidades?

- Como são as aulas dos cursinhos do emancipa? Você vê alguma diferença na forma de abordar os temas em relação à educação formal?
- Como é o dia a dia do cursinho? Há outras atividades além das aulas?

-Já participou ou costuma participar de atividades ou eventos além das aulas do cursinho da Rede Emancipa na sua região?

-Já participou ou costuma participar de eventos ou atividades gerais da Rede Emancipa? (Para além da sua unidade/bairro)

-Já participou ou costuma participar, como integrante da rede Emancipa, de ações, atos, manifestações ou outras formas de luta construídas por vários coletivos, movimentos sociais, partidos e etc?

-Quais são, se houver, as suas perspectivas para a Rede Emancipa, seja pra sua Unidade ou na região?

Enfim, cumpre ressaltar que, apesar das limitações citadas, as entrevistas forneceram um conteúdo muito rico sobre o Emancipa, seu dia-a-dia, suas atividades, perspectivas, etc, o que, provavelmente este trabalho nem dará conta de analisar com a profundidade que seria possível, e que, potencialmente forneceria dados interessantes para outras pesquisas além desta. Por isso, os áudios e as transcrições das entrevistas serão deixados com on-line com acesso livre em links disponíveis nos apêndices deste trabalho. Por último, uma informação importante é que antes das entrevistas nenhuma das pessoas entrevistadas recebeu informação sobre o conteúdo exato e objetivo deste trabalho, para que os depoimentos fossem mais genuínos possíveis e diminuísse a chance de, até involuntariamente, haver algum viés nas respostas no sentido de “ajudar” a chegar nos resultados esperados. Foi dito apenas que a entrevista visava saber como era a relação das pessoas com o Emancipa e como elas enxergavam suas práticas.

4.2 Abordagem Geográfica: Rede Emancipa como Movimento Socioterritorial

Feitos os esclarecimentos sobre as entrevistas e combinando o conteúdo obtido por meio delas com o acúmulo dos elementos fornecidos pelos capítulos anteriores, temos condições de fazer uma análise mais qualificada sobre as práticas da Rede Emancipa, refletindo sobre a que, na realidade, se propõe e, a partir daí, analisar a possibilidade do entendimento e da abordagem geográfica desse Movimento Social de Educação como um Movimento Socioterritorial.

Antes, a partir do acúmulo citado acima, ponderemos que, trazer novamente a menção de que o próprio Emancipa se considera como um Movimento Social (nesse caso, de educação) tem menos a ver com alguma necessidade de verificação da correção de tal consideração, uma vez que essa abordagem da sociologia já foi feita em outros trabalhos, inclusive alguns citados por este, e que pelas próprias características dos Movimentos Sociais, a partir do que foi estudado por Maria da Glória Ghon, as características facilmente identificáveis da Rede estão para muito além de ações coletivas, como poderiam ser cursinhos populares com uma única unidade e atuando em um único local. O que é de fato necessário observar aqui é que, seja pela questão prática de facilitar a identificação por outros movimentos sociais e pelas pessoas em geral, ou seja pelo próprio significado subjetivo que isso traz, ou seja, a sensação de fazer parte de um coletivo, a sensação de organização, a sensação de ideais em comum e sua busca sendo posta em prática coletivamente, tudo isso faz com que seja importante para Rede Emancipa não só caracterizar a si própria como um movimento social, mas também enfatizar isso no seu nome e estampado em suas camisetas e bandeiras, redes sociais e publicações próprias.

Agora, enfim, chega o momento de conferir a possibilidade de abordar o Movimento Social em questão e analisá-lo como um Movimento Socioterritorial. Isso poderia ser feito de várias maneiras, já que, por conta das limitações deste tipo de trabalho e do próprio pesquisador, seria inviável abordar tudo que foi coletado nas entrevistas, bem como poderia haver mais aprofundamento das análises conceituais anteriores.

Então, para que não se perca o foco e para que se mantenha a melhor organização possível do texto, a forma de análise adotada será a concatenação do máximo possível do que foi estudado, coletado em entrevistas e apresentado: serão retomadas as características principais que um Movimento Social precisa ter para ser um Movimento Socioterritorial, depreendidas no subcapítulo 2.2 desse trabalho, e relacionadas com a história e teoria sobre a Rede Emancipa, mais as respostas das entrevistas, derivadas das perguntas que foram feitas com base no que foi apresentado no capítulo 3, sobre a Rede Emancipa. Evidentemente há diferenças entre o MST e o Emancipa, origens, finalidades mais urgentes, formas de luta, dentre outros fatores, mas, para efeito de aferir a análise, serão feitas algumas comparações com o MST, que possibilitou para o professor Bernardo Mançano Fernandes a caracterização de Movimento Socioterritorial.

O fator fundamental e determinante para que se possa começar a falar em Movimento Socioterritorial é a ligação com o território, e nele deve estar a motivação para que o movimento exista. Nesse sentido, já podemos destacar um trecho da entrevista com o

professor e coordenador regional do Emancipa na Zona Oeste, Guilherme Fregonese, que, ao falar das suas perspectivas para a Rede, diz:

a principal perspectiva é conseguir revitalizar a Rede pós pandemia, acho que esse é o principal objetivo, depois disso pensa no resto. (...) a pandemia desestruturou tudo porque desvinculou a Rede no território (...) tem uma relação direta, pelo menos essa é a minha opinião (...) a minha impressão é de que é o vínculo com o território da Rede Emancipa é tão importante, mas tão importante, que só se consegue, digamos assim, ter essas iniciativas mais gerais, mais abstratas, porque existe o concreto. Claro que na pandemia, mesmo sem ter o concreto, foi possível ter a solidariedade ativa, etc, mas isso tem vida curta, senão não tem fôlego, senão não tem, digamos assim, a malha de militantes que têm que estar numa ligação estrita com o território, que é onde você acha estudante, é onde você acha coordenador. (Fregonese, 2023. Informação verbal)

Por essa fala, é possível perceber que a Rede Emancipa conseguiu resistir à pandemia com algumas atividades “mais abstratas” e com ações solidárias, porém, se não fosse a ligação com o território, essas atividades nem teriam existido ou perderiam o apelo. Essa ligação profunda e sentido de existência da Rede nos territórios já apareceu neste trabalho, também, nos momentos em que foi mencionada sua necessidade de estar nas periferias, onde de fato, se faz pertinente, o que é apontado, na prática, pelos distritos em que estão as unidades na cidade de São Paulo.

Continuando sobre a questão da importância do território como fator fundamental, existem duas dimensões a destacar, de forma sintética, uma relacionada à necessidade de um Movimento Socioterritorial de expansão por meio da espacialização e territorialização, e outra relacionada ao envolvimento com as lutas por mudanças nas relações de poder e conquistas de direitos.

Sem a expansão por meio da espacialização e territorialização, o movimento acaba sendo um movimento isolado, que pode se enfraquecer e até mesmo sumir. Por isso é necessário que a experiência e as práticas desse movimento, em um determinado território, sejam especializadas em novos locais, possibilitando depois sua territorialização. Sobre isso, Guilherme disse:

aprofundar a relação ao território assim fazendo uma organização mais geral e permite isso, que você tenha um crescimento horizontal que, na verdade, um vai fortalecendo o outro, então, o Emancipa, diferente de outro cursinho, se você falar

“vou fazer um cursinho só, e com um cursinho eu vou fazer uma relação profunda com o território e aqui eu vou aprofundar e não vou abrir outro”, talvez ele fique mais fraco do que se você abrir outros, porque daí você consegue fazer o nome da rede crescer e criar vínculo com outros territórios, e fazer com que isso tipo também se aprofunde, tem essa troca para formar, como foi o caso da Unidade do Monte Kemel. Claro que isso é uma hipótese né, mas, me parece, pelo menos, que uma coisa está ligada à outra (Fregonese, 2023. Informação verbal)

Para que aconteça essa expansão é preciso participação das pessoas que conheçam os processos ocorridos em locais onde o movimento já está territorializado. No caso do MST militantes formados e lideranças auxiliam novas ocupações de terra, consolidação de assentamentos, etc. No caso da Rede Emancipa, a interação entre as unidades e a participação de coordenadores, professores e alunos de uma ou mais unidades promove a espacialização do movimento em novos locais. A partir daí o vínculo entre as unidades e as pessoas, suas interações e suas práticas em comum tornam possível a territorialização do movimento nesses novos locais. Nas entrevistas essa necessidade de expansão e as interações que tornam possíveis a espacialização e a territorialização do movimento aparecem bastante e, muitas vezes, misturadas a vários assuntos, já que essas práticas são muito constantes na Rede, e também pelo fato, já citado, de que as pessoas entrevistadas não sabiam o objetivo final do trabalho, portanto responderam fazendo livremente as associações que quiseram.

Um pouco sobre a expansão e interação entre as Unidades da Zona Oeste, e da importância de militantes experientes no processo, pode ser visto numa resposta da entrevistada Roberta Sato, hoje coordenadora da Unidade do Monte Kemel. No trecho fica claro que, antes de se tornar coordenadora, ela atuava em uma unidade e ajudou a fundar as outras duas, inclusive a que coordena atualmente:

a gente fez algumas reuniões virtuais e presenciais, a presencial mesmo foi no final do ano para a gente fazer um Balanço das 3 unidades, porque a gente começa no Butantã com essa unidade do Jaqueline, que abriu no início da pandemia, e esse ano a gente consegue abrir tanto a unidade do Rio pequeno quanto a unidade do Jardim Monte Kemel, então a gente fez essa reunião presencial de balanço no fim do ano entre as 3 unidades para conhecer todos os educadores que estão atuando na rede e falar um pouco de quais foram os desafios e também as facilidades desse ano (...) mas a gente fez essa integração sim, montou um plano para o início desse ano para a gente voltar forte com a divulgação das unidades, captação tanto de professores quanto de educadores. (Sato, 2023. Informação verbal)

Assim como a Roberta, Guilherme, ao contar sua história na Rede, também demonstra como é importante o fluxo de militantes experientes e o acúmulo de experiência das Unidades para a expansão.

conheço o Emancipa desde 2011/12, meu professor da escola, Maurício, um dos fundadores da Rede, e conheço desde lá, e acompanhei à distância em 2017, quando morava no Taboão, e comecei a participar a partir (...) do meu trabalho no mandato da Luana [Alves, vereadora da cidade de São Paulo eleita pelo PSOL em 2020] (..) onde vi necessidade de (...) construir o Movimento Social no bairro, no território. Na época a gente tinha só o cursinho do Jaqueline, que estava na época da pandemia, tal, daí então eu me integrei na Rede para ajudar no trabalho comunitário de distribuição da cesta básica, de solidariedade na pandemia, e em seguida eu comecei a participar de mais coisas, abriram os novos cursinhos da região e eu comecei a dar aula (...) participei no caso Jaqueline na retomada presencial, e no caso do espaço cultural (Monte Kemel) eu ajudei na elaboração da ideia, assim, lá no começo de 2021, participei das primeiras reuniões até que a Roberta assumiu. (Fregonese, 2023. Informação verbal)

Outra entrevistada, Lilia Cristina, liderança comunitária nas comunidades Bode Zé e 1010, participante do Emancipa Comunitário -já citado na fala anterior de Guilherme e que será abordado mais adiante- e, hoje em dia, também da coordenação da Zona Oeste, também falou sobre o tema:

quem que eu sempre tenho contato é o pessoal, já estive no Jaqueline, já estive no Monte Kemel, já estive aqui no Rio Pequeno, então é, sempre a gente mantém contato, a gente está sempre junto, já tive sim participando de outras reuniões, sei que há uma interação entre pessoas, tem pessoas entrando, pessoas novas de comunidades ao redor da onde tem os cursinhos eu sempre vejo a gente entrando então é bem legal isso. (Cristina, 2023. Informação verbal)

Na fala acima, ela cita que circula entre as Unidades e também que essas interações atraem mais pessoas dos entornos, além de fazer parte de uma iniciativa, o Emancipa Comunitário, que é a solidariedade ativa (Foto 3), realizado por pessoas de todas as unidades e mesmo por pessoas que não tenham atuação nas unidades, mas que querem apoiar o projeto, ou seja, é o Movimento atuando com a integração das unidades e pessoas no território. Essa próxima fala de Lilia explica melhor:

No ano retrasado, devido à pandemia e junto com o pessoal do Emancipa, a gente fez doação de cestas básicas (...) nós doamos 760 kg de frango para a comunidade, porque a gente teve a necessidade, porque a pandemia estava em alta e muita gente não tinha um pedaço de carne ou não tinha é uma ave para comer no Natal (...) fizemos toda festividade dos Dia das Crianças, junto com Emancipa, fizemos entrega pras crianças, demos lanche, brinquedo, refrigerante, foi muito legal. (Cristina, 2023. Informação verbal)

Foto 3: Emancipa Comunitário em doação de cestas básicas em dezembro de 2021



Fonte: Acervo pessoal de Guilherme Fregonese (2021)

Aliás, o Emancipa Comunitário também é um exemplo de experiência trazida de uma Unidade para outra, apesar de não ter funcionado bem na primeira tentativa, como podemos conferir no depoimento de Guilherme, abaixo.

o Emancipa Comunitário começou (...) lá atrás, no Grajaú, acabou não dando certo, não durou muito, e, na pandemia foi retomada a solidariedade ativa como uma forma de responder um pouco ao aumento da pobreza na pandemia e a gente embarcou nesse projeto no Butantã, eu vim para fazer isso, e daí, depois da pandemia a gente tentou continuar, também fizemos algumas campanhas de arrecadação próprias no natal, dia das crianças e, de 2021, e fizemos também, que a gente tem também CNPJ, essas coisas todas, o cadastro no Cidade Solidária da Prefeitura para garantir algumas doações de cesta básica e, de fato, conseguimos, algumas na região da 1010/Bode Zé que foi onde a gente distribuiu. (Fregonese, 2023. Informação verbal)

A necessidade da expansão e promoção das lutas por mudanças nas relações de poder e conquistas de direitos estão relacionadas, embora tenhamos tentado focar na primeira ao analisarmos as entrevistas apontadas até aqui. Tanto é que, para passarmos da dimensão da expansão para a luta, será apresentada uma fala da entrevistada Alaide Jesus, aluna da Unidade Jaqueline, que sairá do curso do Emancipa para iniciar a graduação em História, mas continuará participando na coordenação.

tem um rapaz que foi nessa última reunião também, ele é do Real Parque e ele foi se informar como fazer, o que fazer para abrir uma unidade lá no Real Parque, onde ele mora (...) outro dia teve um problema com o médico, que era o nosso professor de Geografia, Marco Antônio, ele foi a favor lá dos indígenas e ele foi exonerado do cargo. Então a galera fez uma luta aí, até eu participei do abaixo assinado, tudo, e conseguiu voltar o emprego dele, então é legal (...) é isso que me atrai, entendeu? Assim, não se resume só a sala de aula, né, assim, as coisas funcionam também muito bem fora da sala, a galera faz e acontece mesmo. (Jesus, 2023. Informação verbal)

Além do destaque para a forma empolgada como ela se referiu à atuação das pessoas no caso, destaca-se também que a luta pela reversão da exoneração de um médico, ativista da educação e das causas dos indígenas, foi realizada e gerou interesse de outra pessoa em abrir outra unidade da Rede em sua região.

Antes de desenvolver mais a relação da Rede Emancipa sobre seu envolvimento com as lutas, observemos que, em sua tese de doutorado, o professor Bernardo Mançano Fernandes diz sobre as ocupações de terra realizadas pelo MST: “são ações de resistência frente à intensificação da concentração fundiária e contra a exploração, que marcam uma luta histórica na busca contínua da conquista da terra de trabalho, a fim de obter condições dignas

de vida e uma sociedade justa.” (FERNANDES, 1999). Já, Marília Pontes Spósito, no livro “A ilusão fecunda”, mostra que a luta pelo direito à educação é também luta pelo direito à cidade, na medida em que, além do próprio caráter da educação de promover o pensamento crítico sobre a cidadania e a organização da cidade, as demandas e os protagonistas das lutas sociais se articulam de forma a não ser mais possível a compreensão de um aspecto da luta sem os demais:

As exigências dos equipamentos de uso coletivo, ao propiciarem o aparecimento das lutas sociais, transformam seus protagonistas – trabalhadores, mulheres, jovens e crianças. Há um acúmulo de experiências, redes de sociabilidades se desenvolvem e nessa trajetória já não mais se torna possível a compreensão em profundidade de um dos aspectos da luta social – as demandas educativas – se ele não estiver articulado às demais formas de enfrentamento desenvolvidas pelas classes populares moradoras da periferia urbana da cidade de São Paulo. (SPOSITO, 1993)

A própria história, o projeto político pedagógico e as concepções da Rede Emancipa mostram uma preocupação de estar presente em todas as lutas, desde as regionais, como já surgiu neste trabalho na fala da entrevistada Alaíde, ao citar o caso da luta pela reintegração do cargo de um médico e ativista exonerado, Bairro Real Parque, Zona Oeste de São Paulo; passando por mobilizações estaduais, como as ocupações das escolas de São Paulo em 2015 e 2016; até em nível nacional, como as jornadas de junho, de 2013. As entrevistas mostram que isso continua a acontecer, mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia e pelo aprofundamento da pobreza nos últimos tempos. Perguntado sobre a participação do Emancipa nos atos, manifestações, intervenções, e se ele participa e chama alunas e alunos, Guilherme respondeu que,

sim, é uma coisa que se faz como movimento social, então, sim, já participei, conheço boa parte das pessoas que participam, ainda que seja uma minoria dentro da rede, o que é natural por conta da dinâmica de vida dos alunos, dos próprios professores, então quem acaba participando são os coordenadores mais engajados. (fregonese, 2023. informação verbal)

Essa resposta é bastante interessante, tanto pela ressalva de que ele como professor e coordenador regional, considera a participação baixa; quanto porque ele considera a participação da Rede “coisa que se faz como Movimento Social”, o que mostra, concretamente, que as práticas do Emancipa estão diretamente ligadas à sua própria

concepção como Movimento Social, ao mesmo tempo em que, se mantém e reforça a identidade de Movimento Social porque continua com essas práticas.

Por outro lado Lilia, que foi entrevistada dia 09 de janeiro de 2023, data em que , mais tarde, haveria um ato convocado por organizações progressistas e de esquerda, em São Paulo, em resposta à invasão do Congresso Nacional por bolsonaristas, ocorrida no dia anterior, disse que “eu não vou estar com o pessoal na caminhada lá no MASP hoje porque eu tenho compromisso, mas sempre que eu posso, eu estou presente sim, e muito presente com o pessoal do Emancipa, que vai estar lá hoje” (Cristina, 2023. Informação verbal). Aliás, ao contar sobre como conheceu e como começou a participar da Rede, ela disse:

eu conheci a Rede Emancipa através do Guilherme em uma das manifestações que nós fizemos aqui na Subprefeitura do Periperi, né, as comunidades aqui, eu me encontro aqui na comunidade Bode Zé, e numa dessas manifestações o Guilherme entrou em contato comigo e a partir daí eu comecei a conhecer o Emancipa, comecei a participar de algumas reuniões, algumas atividades e aí foi, como que eu posso dizer, foi feito a nossa ligação, então hoje eu atuo como membro da Emancipa, também participo de quase todas as atividades feitas aqui na região, aqui na minha comunidade, apoiada pelo Emancipa. (Cristina, 2023. Informação verbal)

Ou seja, Lilia não só participa, como conheceu o Emancipa numa manifestação, e, partir daí, conheceu, se integrou à Rede e integrou a Rede com a sua comunidade. Ainda no sentido da presença nas lutas, mas já entrando nas últimas características que os Movimentos Socioterritoriais precisam ter (trabalho de base e organicidade), Roberta explica a importância para o Emancipa da participação em todo tipo de mobilização, e faz, na prática, a relação que este trabalho já fez na teoria: a luta pela educação se tornando a luta pelo direito à cidade:

Essa é uma das frentes do Emancipa, um sentido, quando a gente tá falando de educação popular a gente está falando de uma educação calcada na realidade, assim, então a gente trabalha com os estudantes não só os conteúdos, mas, como eu falei, essa visão de mundo, então entender a conjuntura e participar de ações que questionam essa conjuntura, principalmente da realidade das periferias, é uma frente de atuação da Rede Emancipa então a gente conversa bastante sobre isso com os estudantes. Então, de direito à cidade, direitos da juventude, acesso à educação, e tudo que permeia essas temáticas, e tendo ações, atos, mobiliza. (Sato, 2023. Informação verbal)

No caso da Rede Emancipa, por tudo que foi apresentado até aqui, a preocupação com trabalho de base é bastante constante, as discussões sobre as questões sociais e políticas, sobre os próprios cursinhos, sobre as aulas (Foto 3), sobre educação, estão sempre presentes no dia a dia. Dentro da sala de aula a Rede sempre reforça a importância de seguir as propostas de Paulo Freire, promovendo o debate com os alunos e conectando os conteúdos com a realidade.

Foto 4: Aula de matemática na unidade do Rio Pequeno da Rede Emancipa em 2022



Fonte: Acervo pessoal de Lilia Cristina (2022)

Fora da sala de aula, há algumas atividades gerais da Rede, como as aulas inaugurais e os dias nas Universidades, e algumas atividades de cada Unidade (ou de algumas Unidades próximas), como os círculos, que promovem as discussões sobre os temas e problemas atuais, além de refletirem sobre a atuação do próprio Emancipa. Todas essas formas de debates são pautadas pelo próprio projeto político pedagógico da Rede no sentido da luta contra as desigualdades sociais e defesa da inclusão, dos direitos humanos e da democracia. Até nas

ações comunitárias se busca dialogar com as pessoas sobre suas condições de vida, sobre política e sobre a realidade local. Segundo Lilia,

Olha, nós somos muito fortes em festas em datas comemorativas, tanto é que nessa última reunião também a gente vai colocar em dia uma agenda com todas as datas do ano que a gente possa estar, não só fazendo em épocas comemorativas, festividades, mas com uma educação também, levando roda de conversa para as comunidades, sabe, a gente quer interagir mais, é, tipo assim, não é só dar o prazer, agora, dar o conhecimento. (Cristina, 2023. Informação verbal)

Claro que, tanto nessas ações comunitárias quanto nos cursinhos, algumas pessoas se engajam menos, não se envolvem muito para além de seus objetivos iniciais, porém, outras várias pessoas vão conhecendo e participando cada vez mais, até passarem a fazer parte e construir o Movimento. A entrevistada Alaíde é um exemplo, como ela mesma contou:

fui no cursinho do Rio pequeno umas duas ou três vezes (...) 2 vezes fomos no cursinho que é o último, no Monte de Kemel. Aí faço parte lá das coisas, né, eles me colocaram no grupo escola emancipa pra eu participar da agenda, fazer as coisas porque, eu vou sair do Emancipa, mas o Emancipa não vai sair de mim, entendeu? (Jesus, 2023. Informação verbal)

Além do exemplo acima, que mostra como a socialização política, que ocorre conforme o Emancipa vai promovendo as atividades e debates nas suas Unidades, e isso vai aumentando a identificação e a organicidade até o ponto de a pessoa (no caso, a Alaíde) querer se integrar e construir o Movimento. A mesma Alaíde também mostra, no trecho abaixo, como os professores também estão comprometidos com o projeto da Rede e como, para ela mesma, foi importante o processo de socialização política, já que ela entrou no cursinho do Emancipa por achar que seria “um cursinho diferente”, mas não exatamente como, e iria prestar vestibular. Com alguns meses, já estava elogiando o fato de não ter vários simulados, dos professores discutirem as questões sem darem nota e reforçando a visão da Rede sobre o vestibular:

só teve um simulado, porque um pessoal pediu (...) e os professores também nem deram a nota, eles trabalharam em cima das questões (...) a linha do emancipa não é para é para não existir vestibular? A gente vai fazer vestibular, mas é para não existir o vestibular. (Jesus, 2023. Informação verbal)

Os círculos, bastante citados neste trabalho e nas entrevistas, talvez sejam a representação da atividade mais concreta de socialização política, e, ao mesmo tempo de criação de identificação com o Movimento e seu projeto. Nas palavras de Roberta,

a gente tem um alinhamento geral em relação ao debate de conjuntura nos círculos, isso é uma coisa muito importante pra Rede, no geral, então, por isso, inclusive que a gente faz essas reuniões municipais e estaduais e de todas as cidades do país. Principalmente para a gente buscar esse alinhamento político pedagógico. (Sato, 2023. Informação verbal)

Guilherme, apesar da ressalva sobre a frequência, também fala sobre os círculos e o sentido da educação freireana:

outras atividades sim elas existem mesmo, acho que não acontecem na frequência que está nos documentos, uma vez por semana, mas de fato existem os círculos, momentos de discussão com os alunos, existem debates e, no Rio pequeno, que é onde eu dou aula, isso acontece bastante no espaço (...) a gente promoveu alguns momentos de debates nos 3 cursinhos, como coordenador mais geral da região, está nos meus papéis, também, é uma parte bem legal porque ajuda a pensar, digamos assim, no mundo da autonomia da educação, nos parâmetros bem no sentido da educação Freiriana. (Fregonese, 2023. Informação verbal)

Como é possível notar, as práticas da Rede Emancipa, dentro e fora da sala de aula, buscam ser, para além de seus objetivos específicos (ensino, na sala de aula, ou a construção de um ato ou a doação de cestas básicas, entre outras ações), a socialização política por meio da qual se faz o trabalho de base. Também é possível que perceber que a participação nas atividades vai fazendo com que as pessoas vão se interessando mais e se envolvendo mais com as discussões e, conseqüentemente, com a Rede Emancipa, aumentando sua identificação com a Rede. Ou seja, a presença constante da socialização política faz com que seja possível que, em praticamente tudo o que a Rede Emancipa se propõe a fazer, haja algo de trabalho de base. Ao mesmo tempo, conforme as pessoas vão participando, vão se tornando mais orgânicas e se identificando mais com o Movimento.

Embora, como já foi mencionado, as pesquisas e as entrevistas tenham fornecido mais conteúdo do que será viável analisar aqui, passamos por todas as características fundamentais de um Movimento Socioterritorial, com as quais as práticas, elaborações e o próprio projeto do Emancipa se identificam muito, fato corroborado também pelas respostas das pessoas

entrevistadas. Para encerrar a análise, mais uma fala da Roberta, que, perguntada sobre suas perspectivas para a Rede, acabou dando uma resposta que, de certa forma, sintetiza um pouco de cada um dos elementos que utilizamos como critério para considerar a Rede Emancipa como um Movimento Socioterritorial:

minhas perspectivas são de ampliação da Rede no território. Eu Acredito muito na Bandeira do Emancipa, que é exatamente a emancipação, a libertação pela educação popular, seguindo as diretrizes, os ensinamentos de Paulo Freire, então o olhar da realidade são os educadores e educandos se formando conjuntamente nesse processo e no território. (Sato, 2023. Informação verbal)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o projeto este trabalho já buscava entender o Emancipa Movimento Social de Educação Popular como uma ferramenta que pudesse romper os muros da Universidade Pública nos locais onde eles sempre foram mais fortes, nas periferias, para a juventude mais carente economicamente, mais desfavorecida em relação aos equipamentos públicos e com muitas violações de seus direitos. Antes e durante o desenvolvimento do trabalho, a vivência mais próxima ao Movimento e o avanço das pesquisas mostraram, não só a necessidade, mas também as possibilidades que poderiam ser abertas buscando analisar a Rede Emancipa por meio de uma abordagem da Geografia.

Para chegar ao ponto de analisar o Emancipa como um Movimento Socioterritorial, reconstituímos, de forma breve, um histórico dos Cursinhos Populares no Brasil, o que já mostrou que a história da educação sempre esteve ligada às lutas. Depois, foi feito um levantamento teórico para definição dos conceitos mais importantes a serem utilizados, principalmente os de Movimento Social e do Movimento Socioterritorial, propriamente dito. Em seguida, com base em materiais próprios da Rede e em outras pesquisas que a abordaram, nos aprofundamos na teoria sobre a Rede Emancipa, sua história, desde o surgimento até a expansão e alguns dados sobre como está hoje em todo o Brasil; também exploramos bastante suas próprias concepções sobre si mesma, suas práticas, atividades e o projeto político pedagógico; depois analisamos as localizações das Unidades na cidade São Paulo, para que fosse possível visualizar graficamente o comprometimento da Rede com estar próxima ou dentro da periferia, e apresentamos dados sobre as condições socioeconômicas desses locais; e, por último, explicamos de que forma, com quem e com qual finalidade foram feitas as entrevistas, para, finalmente, ser apresentada a análise relacionando a teoria sobre educação, os conceitos centrais, a teoria sobre a Rede Emancipa e as experiências práticas e pontos de vista de quem participa, de fato, do Movimento.

A própria Rede Emancipa se considera e se divulga como um Movimento Social, o que faz sentido, já que se trata de ação coletiva que configura sua identidade nas lutas, não só pelo acesso à educação, mas pelo direito à cidade, que tem projeto e visão de mundo nos quais baseia suas reivindicações, tem inimigos e aliados e forma redes mobilização.

Porém a pesquisa mostrou, já na parte teórica, que o Emancipa não só pretende ser uma das ferramentas para mudar o espaço e as relações de poder estabelecidas nele, mas já nasce com o espaço como condição para que ele seja pertinente, faça sentido. Isso porque é no espaço que as diferenças sociais se estabelecem e acontecem concretamente, assim como as

relações de poder e sua territorialização. Assim que, embora haja diferenças nas origens, nas formas concretas de realizar as lutas e nas reivindicações mais urgentes entre o MST e o Emancipa, a ligação do Movimento com o território é uma de suas marcas profundas, como apontado pela teoria e pelas entrevistas. Esse fato, por si, já justificaria a possibilidade de abordá-lo como Movimento Socioterritorial, além de um Movimento Social.

Ao realizar esse exercício ao longo da análise no último capítulo, ficou mais clara ainda a pertinência de fazê-lo, sendo que desde a teoria até a prática, expressada pelas entrevistas, foram encontradas as características dos Movimentos Socioterritoriais, ainda que não iguais à maneira como acontecem no MST, mas expressando, além da forte relação com os territórios, as formas equivalentes do Emancipa para conseguir sua espacialização, trabalho de base, socialização política e organicidade, territorialização, expansão para outros espaços como um dos objetivos centrais, participação nas diversas lutas, enfim, tudo aquilo que torna viável e importante sua análise por essa abordagem da Geografia.

Claro que, como mencionado neste trabalho em vários momentos, houve várias limitações, a maioria relacionadas ao tempo de execução e à própria característica de ser um trabalho menos volumoso. Os conceitos e a parte teórica poderiam ser muito mais aprofundados, também houve recortes regionais para apresentação de dados socioeconômicos e distribuição espacial, além dos próprios dados coletados terem sido em pequeno volume. Houve ainda mais um recorte para a realização das entrevistas e a análise principal da pesquisa. Portanto, há que se ter a consciência de que essa pesquisa não leva a uma conclusão inquestionável, nem mesmo a considerações finais plenas sobre o tema. O que se buscou, em meio aos recortes e limitações, e o que se espera que essa pesquisa tenha tido condições de alcançar foi, realmente, verificar se havia possibilidade de entendimento da Rede Emancipa como um Movimento Socioterritorial a partir da análise com base nas três Unidades da Zona Oeste de São Paulo. Todas as afirmações que foram feitas até aqui, inclusive, devem ser interpretadas com essa consciência.

Por outro lado, essa pesquisa deixa algumas possibilidades abertas. Por exemplo, a possibilidade de uma análise muito mais ampla, tanto com um debate conceitual mais robusto, quanto com muito mais dados coletados e analisados com maior profundidade; com muito mais pessoas entrevistadas, talvez com pesquisas com base também na observação participante como um dos métodos, isso tudo em muito mais Unidades, talvez em um Estado inteiro, ou mesmo, no Brasil.

Há outra percepção importante e que poderia ser muito mais aprofundada, além da própria importância da pesquisa pela abordagem geográfica dos Movimentos Sociais para o

avanço nesse campo de pesquisa, ampliando suas formas de entendimento e compreensão. Foi visto que a própria Rede Emancipa se considera e se apresenta, até no nome, como Movimento Social, assim como em seus materiais e participações em várias formas de lutas. Essa consideração surgiu quando, na sua história, houve a mudança do nome e da própria caracterização e depois foi reivindicado, até nas entrevistas realizadas para este trabalho, como fato norteador das ações da Rede. Da mesma forma, é provável que a caracterização como Movimento Socioterritorial pudesse também trazer contribuições e se mostrar importante para a própria Rede Emancipa. Poderia ser mais uma forma de reflexão e revisão do Movimento para aprimoramento das ações do próprio Movimento, poderia proporcionar a sistematização de práticas e objetivos, refletir sobre suas experiências e seus processos também com esse referencial teórico, não só a partir da prática, o que poderia diminuir prevenir ou diminuir dificuldades e falhas. Enfim, como aconteceu com o próprio MST, poderia se fortalecer, inclusive, como referência para outros Movimentos Sociais ou Socioterritoriais.

Por fim, um trecho de um autor que motivou o projeto e aparece na epígrafe deste trabalho. O rapper e ativista Carlos Eduardo Taddeo, que se reivindica como alguém que adquiriu seu conhecimento de forma “clandestina e marginal”, por meio da experiência de ter nascido e vivido na periferia, mostra de forma bastante objetiva e direta a importância da mobilização para que se universalize a educação e, então, possam ocorrer as mudanças necessárias nas relações de poder brutalmente desiguais que se estabelecem nos territórios:

Na hora que obrigarmos a corja de safados que nos domina, a universalizar a educação decente, o planeta invisível engolirá o mundo oficial, onde são assinadas as sentenças de execução. Proclama remos a nossa primeira independência, fundaremos a primeira sociedade democrática e conquistaremos os nossos primeiros direitos civis, políticos e sociais. (TADDEO, 2012, p.168)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F. de. **A Evasão em cursinhos populares no contexto da periferia: um estudo de caso em dois cursinhos na região metropolitana de São Paulo**. 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, São Paulo, 2020.

ARTEAGA PERTUZ, M.; FERNANDES, B. M. Movimentos socioespaciais e socioterritoriais da América Latina: uma apresentação do dossiê do I Encontro Latino-americano de Movimentos Socioespaciais e Movimentos Socioterritoriais (I ELAMSS).

Revista NERA, v. 24, n. 57, p. 09–23, 2021. Disponível em:

<<https://socioterritorial20.wixsite.com/meusite>>.

BONALDI, E. V.; PAULO, S. **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA Tentando chegar lá As experiências sociais de jovens em um cursinho popular de São Paulo**. [s.l.: s.n.].

CASTRO, C. A. de. **MOVIMENTO SOCIOESPACIAL DE CURSINHOS ALTERNATIVOS E POPULARES: A LUTA PELO ACESSO À UNIVERSIDADE NO CONTEXTO DO DIREITO À CIDADE**. 2011. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas, 2011.

FERNANDES, B. M. **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO CAMPESINATO BRASILEIRO FORMAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA-MST (1979-1999)**. 1999. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. [s.l.] Editora Vozes, 2000a. 319 p.

FERNANDES, B. M. MOVIMENTO SOCIAL COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA. **Terra Livre**, n. 15, p. 59–85, 2000b.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, v. ano 8, n. 6, p. 14–34, 2005. Disponível em: <www.prudente.unesp.br/dgeo/>.

GOHN, M. da G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 11, 9 jun. 2000.

GOHN, M. da G. Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais : paradigmas clássicos e contemporâneos**. [s.l.] Edições Loyola, 1997. 1–383 p.

GOHN, M. da G. Marcondes. **Novas teorias dos movimentos sociais**. [s.l.] Loyola, 2008. 166 p.

LEFEBVRE, H.; HARVEY, D. **The Production of Space**. [s.l.: s.n.]

MAÍRA TAVARES MENDES; MARCELA DE ANDRADE RUFATO. POR QUE NÃO PASSAM? CURSINHOS POPULARES E TEMPO CURRICULAR: UMA PROBLEMATIZAÇÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DA REDE EMANCIPA. Em: VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação, 2015, [...]. 2015.

OLIVEIRA, M. G. de. **Experiência de ensino e experiência de estudo em um cursinho popular da rede emancipa**. 2022. Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

REDE EMANCIPA. **REVISTA EMANCIPA 10 ANOS: Educando para a liberdade**. 2017.

REDE EMANCIPA. **Inscrições Rede Emancipa - 1º semestre 2022**. Disponível em: <<https://inscricoes.redeemancipa.org.br/>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

SANTOS, M. A natureza do espaço : técnica e tempo ; razão e emoção. p. 308, 1996. Acesso em: 22 set. 2022.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. Laura. **O Brasil : território e sociedade no início do século XXI**. [s.l.] Editora Record, 2001. 471 p.

SPOSITO, M. P. O DIREITO À EDUCAÇÃO: A OMISSÃO DO ESTADO E O ABANDONO DA ESCOLA PÚBLICA. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 10, n. 1, p. 33–39, 1984.

TADDEO, C. E. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo, 2012.

WHITAKER, D. C. A. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 289–297, 2010. Disponível em:
<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125179/ISSN1679-3390-2010-11-02-289-297.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 set. 2022.

APÊNDICES

Apêndice A: Entrevista com Roberta Sato, coordenadora do Emancipa Monte Kemel. Áudio e transcrição. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1Uwtw2iO1msK9uFuroVUcb4KjIlkqYzqo?usp=share_link

Apêndice B: Entrevista com Lilia Cristina, liderança comunitária das comunidades 1010 e Bode Zé. Áudio e transcrição. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1_6VjEDW9N7nY4dssS2odcse9fnILGBJ5?usp=share_link

Apêndice C: Entrevista com Guilherme Fregonese, professor de história do Emancipa Jaqueline. Áudio e transcrição. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1GM5LNsa6EOXzkw33E1HOQKlmKKHNdaFR?usp=share_link

Apêndice D: Entrevista com Alaide Jesus, aluna do Emancipa Jaqueline. Áudio e transcrição. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1JcIsd77-6XTY4-Mlvb57Gq3N_Z3B2e3s?usp=share_link